

A CONDIÇÃO DE PEDAGOGOS DO GÊNERO MASCULINO INICIANTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

FERNANDO SANTOS SOUSA¹, SHIRLEIDE PEREIRA DA SILVA CRUZ².

¹ Doutorando em Educação. Mestre em Educação na linha Profissão Docente, Currículo e Avaliação no Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). professor na Secretaria de Estado e Educação do Distrito Federal SEEDF.

² Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora Adjunta da Universidade de Brasília no Departamento de Planejamento e Administração. Integra como formadora o Centro de Estudos em Educação e Linguagem da UFPE.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir os elementos de construção da profissionalidade docente de pedagogos do gênero masculino iniciantes na educação infantil. Partindo de certo silenciamento identificado por levantamento bibliográfico em relação ao processo de inserção tendo a categoria gênero como mediadora, realizamos entrevistas com onze pedagogos. Os dados levantados foram analisados em uma perspectiva crítica e organizados utilizando a metodologia dos núcleos de significação. Entende-se que professoras e professores no exercício de seu trabalho constroem a profissionalidade em um contexto de sociedade e escola em meio as relações de poder que naturalizam papéis sociais próprios a homens ou mulheres. Os resultados apontaram para a necessidade de se analisar e compreender o processo de inserção considerando elementos que fazem parte do processo de construção da profissionalidade docente, entre eles, os aspectos relacionais e pedagógicos mediados pela categoria gênero e as concepções sociais que permeiam essa categoria. Entre os achados está o fato de que estes professores, embora minoria em um grupo predominantemente feminino, apresentam uma autoridade legitimada pelo gênero. Além disso, sua receptividade para superação de conflitos inerentes ao momento de início da carreira indicam um certo “apadrinhamento” e tutoria desses professores nas escolas, que parecem indicar as concepções enraizadas no senso comum, que apostam na incapacidade destes em exercer a atividade docente nos cuidados básicos com crianças. Por outro lado, destaca-se a importância do relacionamento entre pares para a superação dos desafios inerentes ao processo de inserção e ressignificação deste espaço de atuação. Dessa maneira, torna-se importante a compreensão de todas essas relações, contradições e processos.

Palavras-chave: Formação de Professores; Gênero; Pedagogos; Professor Iniciante.

THE CONDITION OF BEGINNER MALE PEDAGOGUES IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

ABSTRACT

This article aims to discuss the construction elements of teaching professionalism of male pedagogues beginning in early childhood education. Starting from a certain

silencing identified by a bibliographic survey in relation to the insertion process, with the gender category as mediator, we conducted interviews with eleven pedagogues. The data collected were analyzed in a critical perspective and organized using the core meaning methodology. It is understood that teachers in the exercise of their work build professionalism in a context of society and school in the midst of power relations that naturalize social roles proper to men or women. The results pointed to the need of analyze and understand the insertion process considering elements that are part of the construction of teaching professionalism, among them, the relational and pedagogical aspects mediated by gender and the social concepts that permeate this category. Among the findings we have the fact that these teachers, although a minority in a predominantly female group, have an authority legitimized by gender. In addition, their receptivity to overcome conflicts inherent in the beginning of their careers indicates a certain “sponsorship” and tutoring of these teachers in schools, which seem to indicate the conceptions rooted in common sense, which bet on their inability to exercise teaching activity in basic care for children. On the other hand, we have the importance of the relationship between peers stands out in order to overcome the challenges inherent to the process of insertion and reframing of this area of activity. Therefore, it is important to understand all these relationships, contradictions and processes.

Keywords: Beginning Teacher; Genre; Pedagogues; Teacher Training.

1 INTRODUÇÃO

O processo de iniciação à docência se caracteriza como um momento singular que influencia as fases posteriores da carreira docente. Atualmente, não existe um consenso em torno dos marcadores de tempo nos estudos sobre inserção na carreira; assim, no presente artigo, estamos assumindo a temporalidade de até 05 (cinco) anos de carreira (HUBERMAN, 2000) para a caracterização enquanto professores iniciantes. Outra questão importante a ser lembrada diz respeito a diferenciação entre ser **iniciante** ou **ingressante**, sendo o professor iniciante aquele que não teve qualquer experiência anterior com a docência e que entra em um sistema público de ensino, o ingressante enquanto um professor que vivenciou alguma experiência anterior, seja em outra secretaria de educação ou até mesmo na iniciativa privada. Entendemos que tal diferenciação ajuda-nos na compreensão dos diferentes elementos de sobrevivência e formas de estabelecer o enfrentamento das dificuldades que se apresentam no processo de inserção.

O presente artigo tem como objetivo discutir os elementos de construção da profissionalidade docente de pedagogos do gênero masculino iniciantes na educação infantil. Partindo de certo silenciamento identificado por levantamento bibliográfico em

relação ao processo de inserção tendo a categoria gênero como mediadora, realizamos entrevistas com onze pedagogos.

Compreende-se a profissionalidade docente a partir de Cruz (2017, p. 58) com o objetivo de entender como pedagogos do gênero masculino iniciantes vivem e intervêm na profissão, pensam e agem em frente as demandas sociais e profissionais na construção do trabalho docente. Considerando que a profissionalidade docente expressa importantes elementos articulados, por professoras e professores em uma relação objetiva e subjetiva que é compartilhada por pares.

Essa relação entre objetividade e subjetividade indica também que a profissionalidade é marcada por modelos sociais do ser professor e a caracterização da atividade profissional a ser exercida pelos sujeitos. É construída num processo dinâmico em que tal atividade, ao integrar instrumentos e meios, revela-se como social, na medida em que pode ser síntese de múltiplas relações sobre o que é o ser docente e qual é a sua função na sociedade (CRUZ, 2017, p. 58).

Dessa forma, entende-se a condição do professor e do trabalho docente como constante *vir a ser*, na busca por diferentes significações que tenham como premissa a justiça social e a compreensão da escola como um importante espaço de resistência para a emancipação.

Toma-se a categoria gênero em uma perspectiva crítica para compreensão dos estudos do campo da formação de professores ao evidenciar a consubstancialidade dos aspectos sociais, relacionais e holísticos. Sociais, ao considerar professoras e professores como parte de relações sociais complexas. Relacionais, por explicar as determinações direcionadas ao papel da mulher em contraste com o papel do homem na sociedade, entendendo que essas não são naturais, tampouco acidentais e precisam ser compreendidas sob a perspectiva das relações de poder. Holísticos, pela premissa de se compreender a persistência das atribuições relacionadas ao gênero no decorrer da história e os motivos que levam a naturalização das hierarquias sociais em uma sociedade patriarcal.

O recorte de participantes da pesquisa apresentada neste artigo se afunila a professores iniciantes do gênero masculino, que possuem contrato de trabalho efetivo ou contrato temporário, com até cinco anos de carreira na Secretaria de Educação do Distrito Federal, que tenham atuado na Educação Infantil nos primeiros anos da docência.

O artigo, assim, organiza-se da seguinte forma: discussão teórico-metodológica a partir dos núcleos de significação, para posteriormente apresentar o diálogo direto das entrevistas com as categorias e fundamentos, objetivando uma contribuição e compreensão dos diferentes desafios do processo de iniciação à docência, trazendo o debate da categoria gênero para problematização das relações presentes na atividade docente de professores e professoras em início de carreira numa perspectiva relacional. Por fim, as considerações finais como síntese do produzido até aqui, perspectivas a avançar e possíveis caminhos para intervenção.

2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DO ESTUDO: CONSTRUÇÃO ANALÍTICA DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

O presente artigo faz parte de uma pesquisa maior sobre a construção da profissionalidade docente de Pedagogos do Gênero Masculino Iniciais na Educação Infantil e na Alfabetização; para fortalecimento do objeto, fizemos um levantamento de produções no banco de teses e dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e também nas principais revistas da área de educação, selecionadas a partir de critérios como, acesso às produções, língua portuguesa e dos extratos *Qualis/Capes* de A1 a B5.

Procuramos encontrar estudos sobre pedagogos do gênero masculino na especificidade desses enquanto iniciantes, docência masculina nos anos iniciais e a construção da profissionalidade. Foram identificadas lacunas no que diz respeito a especificidade desses professores mediados pela categoria gênero em uma perspectiva relacional, o que fortalece o objetivo proposto a este artigo em um diálogo com as produções já existentes e a síntese de novas compreensões a partir da realidade dos professores entrevistados em sua condição de início da carreira.

Dessa feita, foram realizadas entrevistas com onze pedagogos do gênero masculino iniciantes da Secretaria de Estado e Educação do Distrito Federal. O tratamento dos dados teve como ótica de compreensão da realidade, a análise por meio dos núcleos de significação propostos por Aguiar e Ozella (2013) em uma perspectiva crítica que objetiva apreender o movimento do real no processo de construção, organização e análise do material coletado.

No processo de significação das relações sociais, objetiva-se apreender, por meio dos extratos de fala, as diferentes mediações que os constituem. A análise, então, assume um caráter histórico, na busca pelo singular e o universal para a explicação do objeto investigado para além do que está posto, sua aparência. Os dados empíricos são assim tratados, organizados e analisados considerando as articulações estabelecidas pelos professores entrevistados enquanto sínteses de múltiplas determinações, que, por meio de suas expressões, revelam o social, o histórico e as ideologias da sociedade a qual fazem parte. Para Aguiar e Ozella (2013)

Na discussão sobre os núcleos de significação, a palavra com significado é o mais importante material de análise e interpretação utilizado pelo pesquisador para apreender as significações constituídas pelo sujeito frente à realidade. De certo modo porque a palavra não se revela por si só. Como síntese do pensamento e da fala, a palavra é um sistema complexo constituído de função tanto semântica quanto psicológica. Para compreendê-la, temos que nos apropriar não apenas da palavra em si, mas das condições materiais (objetivas e subjetivas) em que ela é produzida, mesmo que isso se faça no nível mais elementar. Por isso, ela é o elemento mais importante para se tomar como ponto de partida na análise das significações da realidade (p. 310).

No movimento da objetivação e subjetivação, compreende-se a expressão enquanto responsável pela formação e objetivação da subjetividade de seres sociais históricos que subjetivam a realidade objetiva e vão se constituindo por meio dessa dialética. Os dados são assim analisados partindo dos pressupostos do materialismo histórico dialético e de suas categorias enquanto construções teóricas, abstrações e constructos intelectivos de apreensão do movimento do real, da materialidade, alicerçados pela mediação, contradição e totalidade. Tais categorias se apresentam enquanto orientadoras do pensamento e da realidade objetiva.

Partindo, assim, do significado das palavras inseridas no contexto de nossos entrevistados, iniciamos os primeiros passos na organização dos núcleos de significação enquanto uma proposta histórico-dialética, destacando os pré-indicadores. A partir dos destaques na fala dos entrevistados, originaram-se os indicadores que, para Aguiar e Ozella (2013), objetivam alcançar uma abstração que permita uma aproximação maior dos sentidos constituídos pelos sujeitos. Para isso, tal procedimento segue os critérios de similaridade, complementaridade e contraposição como base para articulação dos pré-indicadores, sintetizados por meio de múltiplas leituras (análise) do material até o momento produzido (pré-indicadores). Este movimento será exemplificado no quadro a seguir:

Quadro 01 – Exemplo de organização e sistematização dos Pré-indicadores, indicadores e núcleo

Pré-indicadores	Indicadores
No primeiro dia em sala de aula todos os meus alunos sentados esperando alguma coisa de mim e eu tinha que passar tudo àquilo que eu tinha aprendido para eles e aí bate aquele desespero inicial “como é que eu vou fazer? Como é que eu vou fazer?” (Professor 04).	Assumindo a profissão, a troca de posição e o choque de realidade.
A única coisa que eu não faço é entrar no banheiro das meninas, não mexo com as meninas em coisas muito pessoais. Com os meninos eu também evito algum tipo de contato, evito sempre, já a professora ela tem uma liberdade maior, ela pega no aluno, se precisar tirar a roupa do aluno ela tira, eu não faço isso, por conta de ser homem (Professor 03).	A condição de ser homem
Núcleo de Significação	
O processo de inserção: ser iniciante em suas diferentes variáveis;	

Fonte: dados da pesquisa.

A partir do agrupamento de pré-indicadores, chegamos aos indicadores e, a partir do agrupamento de indicadores, ao núcleo de significação: “O processo de inserção: ser iniciante em suas diferentes variáveis” recorte para este artigo.

Quadro 02 – Organização e sistematização dos indicadores que deram origem ao núcleo de significação

Agrupamento de Indicadores	Núcleo de significação
Assumindo a profissão, a troca de posição e o choque de realidade; A condição de ser homem: auto cobrança, estranhamento, um duplo ritual de passagem e uma dupla vulnerabilidade profissional.	O processo de inserção: ser iniciante e suas diferentes variáveis.

Cabe ressaltar que a análise tentou, por sucessivas aproximações com o objeto estudado, buscar o máximo de elementos de totalidade que pudessem explicar o pedagogo do gênero masculino na sua condição de iniciante e as relações estabelecidas com diferentes instâncias da sociedade, que, conseqüentemente, perpassam as condições de trabalho, relações com pares, estudantes e com o exercício da docência no processo de construção da profissionalidade docente.

3 O PROCESSO DE INSERÇÃO: SER INICIANTE EM SUAS DIFERENTES VARIÁVEIS

Diferentes autores tem se debruçado e se dedicado à temática sobre a condição de professores em início de carreira, entre eles: Garcia (1999), Huberman (2000), Guarnieri (2005), Mariano (2006), Tardiff (2011), Curado Silva (2017). O primeiro contato com a prática da docência é permeado por processos que sintetizam dificuldades e descobertas na atuação de professoras e professores, evidenciadas pela passagem da condição de aluno(a) para a condição de professor(a). Para além do tempo cronológico, a variável de gênero também se torna um elemento importante para análise. No tocante aos pedagogos do gênero masculino iniciantes, os conflitos de início da atividade docente podem se tornar ainda mais evidentes e concentrados, ocasionando, em alguns casos, a perda de aspectos importantes de construção da profissionalidade e até mesmo o abandono da carreira.

Para Curado Silva (2017),

Os dilemas e as dificuldades do professor iniciante são causados pela exigência de atuação, em que a contradição marca a possibilidade do reconhecimento ou da negação. Entre os aspectos, destacam-se: a relação com o aluno; a dicotomia teoria prática; a relação com os pares; a condição material de trabalho nas escolas; o conteúdo, a metodologia e as condições objetivas do trabalho docente, que geram sentimentos e sensações como angústia, insegurança, fracasso e desmotivação. Desta forma, há, dialeticamente e contraditoriamente, a possibilidade para que o docente possa se reafirmar na profissão ou negá-la de forma diferenciada e referendada pela totalidade histórica (p. 09).

Tal afirmação foi sinalizada na pesquisa por diferentes participantes, principalmente em relação ao momento de recepção e acolhimento:

Cheguei na escola e estava a vice-diretora, mais uma coordenadora e elas me receberam com espanto, até porque sabiam quais eram as turmas que estavam precisando de professor, eram turmas de educação infantil que estavam livres, uma com crianças de cinco anos e outra com crianças de quatro anos, a minha era a de cinco anos então quando elas me viram, um professor homem na educação infantil agiram com certo espanto (Professor 06).

O processo histórico de constituição da profissão docente justifica a predominância de profissional do gênero feminino, principalmente nos anos iniciais. Marcadamente feminilizada, a educação infantil já nasce direcionada a ser uma tarefa para mulheres em sua gênese histórica. Tal fato encontra-se naturalizado no senso comum e nas práticas desenvolvidas na escola, o que torna estranho a presença de homens nesse nível de ensino. O momento de recepção é vivenciado de diferentes

formas pelo professor iniciante. A depender da equipe da escola na qual o professor é recebido, o estranhamento pode até mesmo não acontecer de imediato e ocorrer após diversas tentativas de trocas de escolas pela negativa da equipe escolar em receber um pedagogo homem, sendo, portanto, influenciado pela questão de gênero. A recepção, por vezes, é feita com *espanto*, tal como nos indicou o professor do extrato acima. O processo de acolhida do professor 10, também na educação infantil, realizou-se de forma diferente do professor 06.

Fui bem recepcionado pela direção e coordenação. A coordenadora me apresentou toda a escola, as professoras, me senti bem acolhido e me surpreendi pela acolhida. Todos me chamando de professor, eu tinha uma visão que não seria bem recebido, ainda mais na educação infantil e na escola eu sou o único professor homem nos dois turnos, então eu pensei "ahh e agora, eu com crianças como vai ser?". Mas em relação ao grupo da escola fui bem recebido e bem apresentado. Tive uma boa acolhida (Professor 10).

Essas contradições que se apresentam podem ser explicadas ao considerarmos as relações entre as condições objetivas e subjetivas que permeiam o processo de inserção à docência, sejam elas de ordem estrutural e pedagógica das escolas, sejam pelas condições materiais em relação ao número de professores e de professoras da escola, ou também por questões ligadas aos diferentes processos de formação que vão constituindo professoras e professores. Embora o professor 10 aguardasse um tipo de estranhamento, espanto ou rejeição durante o momento da recepção e chegada à escola para assumir uma turma de educação infantil, foi recebido de maneira acolhedora, o que de certa forma o encorajou a assumir o desafio.

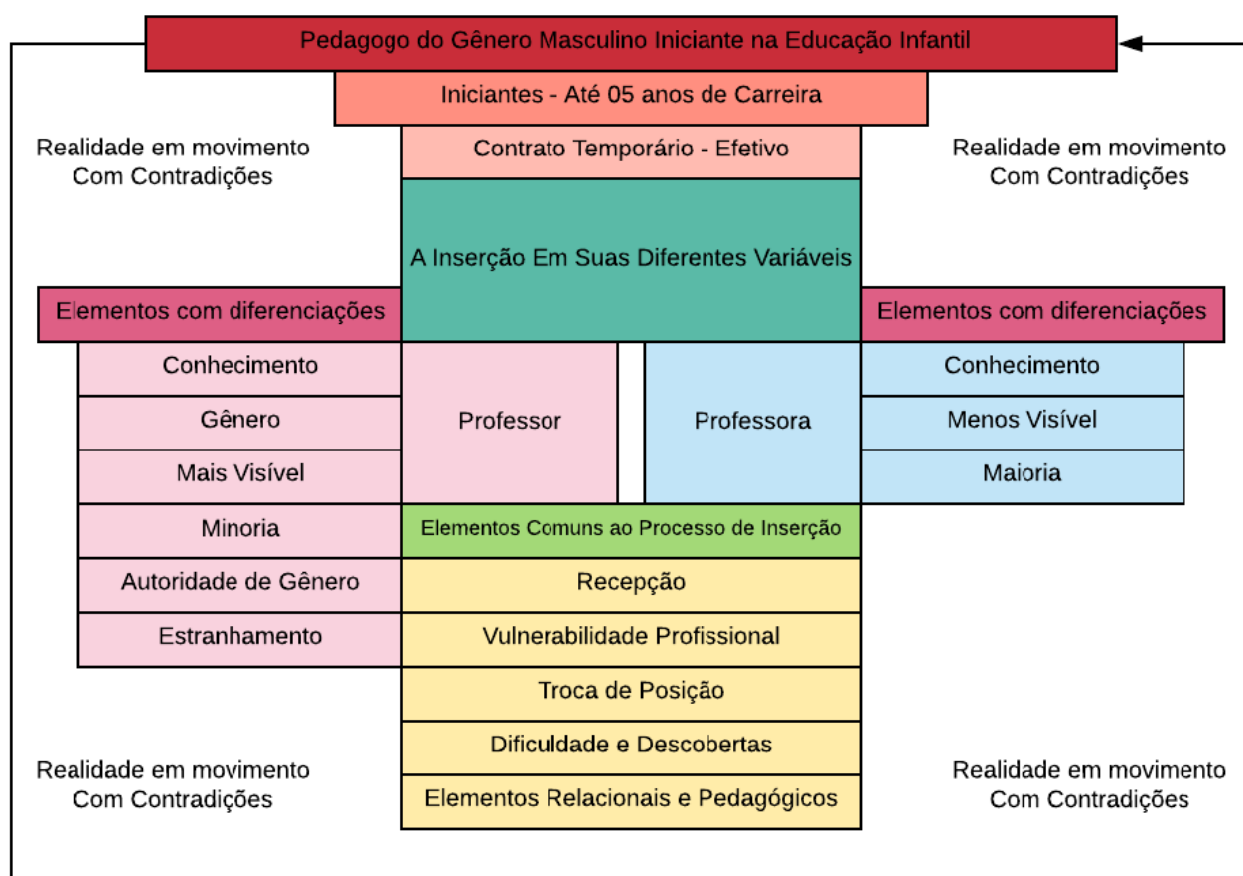
É importante e interessante destacar, na fala do professor 06, o estranhamento da equipe escolar em receber um professor do gênero masculino em seu quadro e que, provavelmente, não se atentou ao gênero do professor encaminhado para a escola, contraditoriamente, esse despreparo sinaliza na própria fala do professor uma reafirmação dos estereótipos que constituem o pensamento masculino historicamente construído em torno dos papéis sociais para homens e para mulheres.

Na entrega da pasta que eles entregam alguns materiais. Tinham montado uma pasta para as professoras, uma pasta feminina porque achavam que viria uma mulher. Era tudo colorido, tinha uma menininha de vestidinho, a moranguinho, então elas resolveram não me dar a pasta por ser de professora e não de professor (Professor 06).

O processo de recepção de um professor iniciante varia de escola para escola, de instituição para instituição. Em sua maioria, independentemente do gênero, constitui-se

enquanto um momento de provação e conflitos. Ao considerarmos a mediação da categoria gênero para análise, destaca-se uma provação dupla de capacidade enquanto profissionais e pela questão do gênero em todas as suas cargas ideológicas e sociais. Nessa perspectiva, destacamos que o processo de inserção de professores iniciantes está permeado por diferentes variáveis, entre elas a de gênero, que se constitui enquanto importante elemento no processo de construção da profissionalidade, da afirmação da docência enquanto profissão e da afirmação desses professores de forma dialética neste espaço. Para melhor compreensão do movimento realizado a respeito do processo de inserção em suas diferentes variáveis e contradições, observemos a ilustração a seguir:

Ilustração 1 - O processo de inserção em diferentes variáveis



Os conflitos, as relações, as contradições e as descobertas a respeito deste processo de inserção serão explorados e carecem de uma análise a partir da totalidade social, considerando o gênero em um caráter relacional, destacando a inter-relação entre professores, professoras e a sociedade de uma maneira geral. Embora com as limitações

inerentes ao caráter estático do esquema, utiliza-se, neste momento, como incentivo visual para melhor compreensão das questões abordadas nos tópicos seguintes:

3.1 “Eu tenho que ser professor da educação infantil, o que eu vou fazer?”

A fala explicitada acima ilustra o ponto de partida para a discussão no que diz respeito ao que entendemos como assumir a profissão, a troca de posição e o choque de realidade. O processo de transição entre a condição aluno e a condição professor configura-se como uma ruptura que traz inúmeros conflitos na construção da profissionalidade docente, o que demonstra a necessidade de desenvolvimento de ações de inserção que promovam o bem-estar docente de professoras e professores. Em meio a dificuldades e descobertas, os professores se deparam com os conflitos presentes na prática, desenvolvem por conta própria formas de solucioná-los criando técnicas de sobrevivência. Entre essas técnicas, está a afirmação pela autoridade de gênero concedida histórico/socialmente a homens.

Sobre o “lançamento ao fogo” de professoras e professores no início da carreira, destacamos a problematização de Garcia (2010) ao exemplificar a profissão docente como uma das poucas em que os recém formados não contam com um apoio efetivo para a realização das primeiras tarefas relativas a suas atividades profissionais, bem como não passam por uma fase de aprendizagem sistematizada e supervisionada.

Não é comum que um médico recém-formado deva realizar uma operação de transplante de coração. Nem muito menos que um arquiteto com pouca experiência assine a construção de um edifício de moradias. Sem falarmos que se deixe um piloto com poucas horas de voo comandar um Airbus340. Podíamos citar mais exemplos que nos mostrariam que as profissões tentam proteger seu próprio prestígio e a confiança da sociedade e de seus clientes assegurando-se de que os novos membros da profissão tenham as competências apropriadas para exercer o ofício (GARCIA, 2010, p 32).

Embora, nos últimos anos, militantes da área tenham conseguido avanços para programas que tenham como premissa a tutoria e o acompanhamento de professores em início de carreira, tais ações ainda não se materializam enquanto política pública efetiva e abrangente. Dessa forma, professoras e professores continuam aprendendo a profissão em meio a crises, dificuldades e descobertas. Quando perguntados a respeito do momento em que se viram e se reconheceram professores, nossos entrevistados trazem interessantes depoimentos:

No primeiro dia em sala de aula todos os meus alunos sentados esperando alguma coisa de mim e eu tinha que passar tudo àquilo que eu tinha aprendido para eles e aí bate aquele desespero inicial “como é que eu vou fazer, como é que eu vou fazer?” Mas ao final do primeiro dia de trabalho, da primeira semana e que você vai vendo o trabalho sendo construído e você fala eu dei conta, eu consegui, eu sou professor (Professor 04).

Na verdade durante toda a minha graduação eu pensei em passar por diferentes espaços de atuação da pedagogia, salas de EJA, salas de crianças maiores e até às vezes fora do contexto do professor de atividades, mas eu nunca tinha imaginado iniciar a minha carreira na educação infantil, para mim foi um choque estar em uma turma de Educação Infantil e pensar: “eu tenho que ser professor da Educação Infantil, o que eu vou fazer?”. Foi uma área realmente secundarizada na minha formação, que eu também não dei importância, porque nunca me imaginei como professor da educação infantil. É um espaço muito parecido com uma creche, com um maternal, com um cuidado excessivo que eu nunca me imaginei dentro dela (Professor 06).

O trecho “Como é que eu vou fazer? Como é que eu vou fazer?” sintetiza o assumir a profissão, a troca de posição e o choque de realidade. No momento em que fazem essas perguntas, também entram em conflito com a segurança de suas capacidades formativas em materializar o que viram na teoria, com o que será exigido na prática. O reconhecer-se na troca de posição, estabelece-se principalmente no contato com os alunos, quando os professores se veem representados nos estudantes, enquanto uma fase de sua vida na escola, mas agora, em outra posição, a de seus professores, em uma primeira sensação de reconhecimento da atividade do exercício da docência. Cabe destacar que “ter que se provar” enquanto professor, constitui-se também em sentimento de abandono, contraditoriamente os entrevistados destacaram uma certa tutoria em relação a suas dificuldades pelo fato de serem homens, algo que se diferente do processo de iniciação de professoras.

Nos primeiros dias eu tive um acompanhamento, agora eu tenho mais liberdade, mas a coordenadora sentava comigo para ver meus planos de aula, ver o que estava fazendo, as atividades que estava levando, não sei se era por ser iniciante ou por ser homem, mas eu acredito ser pelos dois motivos (Professor 10).

São inúmeras as questões que uma escola de educação infantil não está preparada para lidar. Por sua própria condição de gênero e por ser minoria nesse espaço, esses professores acabam tendo uma visibilidade maior na escola do que teria uma professora, não passando despercebidos, sendo vigiados em suas práticas para garantir que são pessoas idôneas em lidar com crianças. Considerando esses aspectos, o professor destaca a dúvida relacionada ao acompanhamento de seu planejamento, se este auxílio seria pela aposta em sua incapacidade, por ser iniciante e por ser do gênero

masculino, ou devido às duas coisas. Assim, a tutoria pareceu mais se destacar pela condição de gênero do que pela questão pedagógica e formativa intrínseca num processo de inserção e acompanhamento do professor iniciante. Em síntese, professores e professoras assumem a profissão de diferentes formas, a depender de sua recepção e do apoio, nas escolas marcadas pela sua condição de gênero.

3.2 “No início tinha sim aquelas olhadas de cando de olho nelas com quem diz ‘aqui não é seu lugar’”

O ser homem, autocobrança e estranhamento, um duplo ritual de passagem e uma dupla vulnerabilidade profissional. Apresenta-se a importância de analisar a questão do Pedagogo do gênero masculino bem como os processos de discriminação e exploração marcados pela questão de gênero em um caráter relacional, entendendo que as construções sociais ocorrem na relação dialética estabelecida entre homens e mulheres inseridos em um contexto social e histórico, permeado por questões objetivas e subjetivas. Consideramos que o processo de inserção não acontece da mesma forma para professoras e professores, tanto em relação a suas subjetividades individuais, quanto às condições materiais, sociais, culturais e concretas que permeiam a atividade de professores e professoras. Assim, destacamos por meio dos indicadores sintetizados a partir da empiria que esses pedagogos apresentam elementos de diferenciação no processo de inserção, em relação as professoras, que são mediados pela questão de gênero: autocobrança e estranhamento, um duplo ritual de passagem e uma dupla vulnerabilidade profissional.

A auto cobrança está situada na necessidade de afirmação da capacidade de desenvolver um trabalho associado no senso comum como próprio para mulheres:

Então acaba que eu me destacava entre elas por ser homem e fazer melhor do que elas, então eu sempre procurei fazer melhor do que elas para não ter justamente o porquê é um homem vai fazer de qualquer jeito, não. Eu era homem, mas fazia melhor do que elas, sempre procurei fazer melhor (Professor 03).

Das colegas não cheguei a escutar, escuto sempre de mim mesmo. Como por exemplo, quando alguma aluna chega pedindo para amarrar o cabelo ou fazer uma xuxinha e aí preciso e peço socorro de alguma professora, mas essas coisas simples, mesmo, em relação ao ensino não (Professor 01).

Ao se cobrarem na tentativa de autoafirmação em relação ao exercício do trabalho, acabam também tentando superar o trabalho desenvolvido pelas professoras e naturalizando elementos construídos historicamente em torno do gênero e da própria masculinidade como se houvesse uma competição e não uma colaboração entre os gêneros. Essa autocobrança se manifesta enquanto um mecanismo de defesa a reações comuns de estranhamento, que se manifestam de maneira negativa e positiva:

Olha eu na secretaria nunca vi assim algo ruim, a gente acaba escutando um comentário ou outro de surpresa "Nossa é um homem", mas isso é mais por uma questão de estranhamento um aluno um dia disse "nossa mãe que legal é um homem é a primeira vez" então foi uma das vezes que escutei um comentário que não foi de achar estranho e sim de felicidade (Professor 08).

Cabe ponderar que existe um pensamento historicamente construído em torno da autoridade dos homens, designando a esses o papel de manter a ordem da sociedades em todas as instâncias da realidade social. Dessa forma, são direcionados a atividades de poder, nas escolas isso vem sendo demonstrado e está presente na fala dos entrevistados ao comentarem sobre os direcionamentos feitos por colegas e organização escolar para que assumam postos de coordenação, direção, supervisão *etc.*; que os afastam do contato direto com crianças pequenas e também de tarefas relacionadas ao cuidar, sobre essa autoridade, Minayo (2005) nos traz elementos que colaboram para essa compreensão.

Na visão arraigada no patriarcalismo, o masculino é ritualizado como o lugar da ação, da decisão, da chefia da rede de relações familiares e da paternidade como sinônimo de provimento material: é o "impensado" e o "naturalizado" dos valores tradicionais de gênero. Da mesma forma e em consequência, o masculino é investido significativamente com a posição social (naturalizada) de agente do poder da violência, havendo, historicamente, uma relação direta entre as concepções vigentes de masculinidade e o exercício do domínio de pessoas, das guerras e das conquistas (p. 23-24).

Nesse contexto, a tensão entre o desistir e o resistir, comum entre professores e professoras iniciantes, materializa-se de forma ainda mais acentuada a professores do gênero masculino do que a professoras do gênero feminino. Essas, apesar de sua condição de iniciantes, têm sua competência profissional questionada, não sofrem com questionamentos referentes à competência por sua condição de gênero. O que se caracteriza para esses professores enquanto uma dupla vulnerabilidade profissional: ser iniciante e ser iniciante em um contexto em que sua condição de gênero se apresenta enquanto limitação.

Eu já passei por aquelas questões de olhar, de estranhamento, mas, por eu ser uma pessoa muito ativa não sou muito recatado e nem de ligar muito para o que as outras pessoas pensam ou falam ou deixam de pensar não me interessa muito opinião deles, então assim eu meio que não dei muita bola para o que falavam não (Professor 02).

Atualmente a gente já não tem mais esse problema, nessa comunidade a gente tem aqui cinco professores. Ano passado a gente tinha dois e a comunidade já não tem mais esse problema porque já tem muitos professores nos anos iniciais, mas no início tinha sim aquelas ‘olhada’ de canto de olho neles como quem diz "aqui não é seu lugar" mas hoje em dia na medida do possível eu acho que a gente tá vencendo isso (Professor 07).

A princípio eu percebi que achavam estranho, mas depois acostumaram (Professor 05).

O duplo ritual de passagem se caracteriza pela passagem da condição de aluno para a de professor e, no caso de professores iniciantes do gênero masculino, na comprovação de que são capazes contra todos os estigmas que são construídos em torno da atuação de profissionais do gênero masculino na educação infantil. O professor 08 destaca o Bloco Inicial de Alfabetização (BIA), que compreende primeiro, segundo e terceiro ano do ensino fundamental no Distrito Federal. O questionamento da competência profissional, seja pela educação infantil ou alfabetização, passa assim pelo estranhamento ocasionado pela condição de gênero. Todo esse processo de provação e autoprovação também pode resultar na desistência da profissão e na perda de importantes descritores que compõem a profissionalidade.

Acaba que preciso provar que por ser homem que vou dar conta, sempre quando a gente começa em uma turma de BIA por exemplo a gente percebe que os pais têm uma certa rejeição, mas depois que começa o trabalho eles vão vendo “nossa! O professor é bom, o professor é bom e tal (Professor 08).

Na verdade só o preconceito mesmo antes de conhecer o trabalho, mas depois que conhecem o trabalho isso desaparece. Tanto que é raramente eu não lembro ainda de nenhuma reclamação de ninguém dizendo, de virem aqui na escola ou de virem por onde eu passei e reclamarem do meu trabalho, até mesmo eu sempre pensei assim é meu nome que está em jogo né? (Professor 03).

Alguns colegas já desistiram por serem homens, é um tanto triste né? (Professor 08).

O estranhamento e o duplo ritual de passagem perpassam também pelo controle e pela vigilância do exercício profissional desses professores:

Não considero que as questões de gênero tenham significados profundos durante a minha formação inicial. Eu tive alguns problemas relacionados à minha inserção no mercado de trabalho pois foi muito difícil encontrar um estágio remunerado disponível para alguém do sexo masculino, mas após ser

aprovado no concurso da secretaria de educação, nunca encontrei nenhum tipo de problema relacionado a isso. Acredito que as questões de gênero em minha formação foram até aí, a dificuldade para encontrar um estágio remunerado que aceitasse alguém do sexo masculino. Fora isso, não sou capaz de associar as questões de gênero a nada mais na formação inicial (Professor 11).

Oliveira (2017) contribui para essa reflexão ao destacar a relação entre o pensamento historicamente construído e suas implicações sobre o profissional ideal para exercício da educação infantil em que essas identificações são testadas

nos diferentes espaços de socialização a partir das conexões existentes entre a realização do trabalho e as práticas interativas, as subjetividades e coletividades dos trabalhadores como elementos que constroem as práticas sociais. No caso da docência a configuração na divisão sexual do trabalho cabe à mulher, que já realiza o trabalho de cuidar e educar na esfera privada sendo tomado como obrigação, vocação e prazer, e em termos profissionais acaba constituindo-se mais pelo amor e menos pela competência, cerne do processo de profissionalização. A centralidade do trabalho como profissão perpassa pela ampliação dos saberes (teóricos, práticos, profissionais) e estruturam/desestruturam as identificações a partir das relações internas e externas (OLIVEIRA, 2017, p. 90).

Assim, esses professores acabam por confrontar as concepções que se originam de um sistema patriarcal e classificam papéis sociais a serem exercidos por homens e mulheres na escala produtiva. Ao ultrapassar essas barreiras para exercício da docência, nesse nível de ensino, por vezes, os pedagogos do gênero masculino são repreendidos ou até mesmo negados em exercer um direito legitimado por sua formação, que os habilitam para o exercício docência na educação infantil seja em instituições públicas ou privadas.

Pensando em gênero eu acho que os homens têm que provar mais do que as mulheres nos sentidos da alfabetização porque as pessoas desacreditam que sejamos capazes de alfabetizar. Principalmente as famílias por acharem que os homens não saberiam cuidar como as mães cuidam como se as professoras tivessem que ser mães desses alunos, não tem nada a ver então assim, isso tem uma questão nesse sentido mais como eu disse eu nunca liguei muito para isso não, sempre chutei o pau da barraca (Professor 02).

Destaca-se aqui um elemento importante no processo de inserção de pedagogos do gênero masculino na condição de iniciantes: a forma de ingresso. O concurso público se caracteriza como uma alternativa democrática de superação dessas barreiras, abrindo espaço para contradição e novas formas de se estabelecer as relações de gênero. A escola pública, enquanto um espaço de resistência, também se abre para a atuação de professoras e professores independentemente do gênero, diferentemente de instituições

particulares que, em alguns casos, tem feito essa separação por legitimarem a ideologia dominante que associa o exercício profissional desses professores na educação infantil como inadequado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou discutir, problematizar e trazer para o debate do campo da formação de professores na especificidade dos estudos sobre o professor iniciante e sua inserção profissional a importância da compreensão do que é ser iniciante em suas diferentes variáveis, entre elas a questão de gênero. Foi demonstrado até aqui, dentro da limitação de espaço inerente a um artigo, questionamentos no que diz respeito ao olhar para os professores iniciantes em suas relações com a escola e ao chamado “choque de realidade” quando assumem a docência. A análise da totalidade das entrevistas realizadas chama a atenção para a desconstrução do pré-estabelecido em relação ao gênero na sociedade, aos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres.

Aponta-se para as contradições presentes num certo processo de “apadrinhamento” desses professores iniciantes nas escolas, parecendo mais indicar a incapacidade deles em realizar tarefas cotidianamente naturalizadas a cada gênero, ao mesmo tempo que destaca a importância do relacionamento entre pares para a superação dos desafios inerentes ao processo de inserção.

Destaca-se também que, no processo de construção da profissionalidade docente, perpassam elementos como o contexto de realização do trabalho, os conhecimentos teórico-práticos da profissão e as concepções que envolvem o trabalho docente em um movimento dialético de formação pelo trabalho e para o trabalho. Nesse sentido, é possível e necessário discutir a respeito das contradições presentes nas relações estabelecidas por professoras e professores, e da negação em alguns casos, da atividade docente a pedagogos do gênero masculino por sua condição de gênero. O que torna fundamental nos estudos do campo da formação docente a valorização da categoria gênero como importante mediadora no desenvolvimento de pesquisas que se aliem a essa perspectiva de construção/desconstrução. Entretanto, nota-se que ainda existe certo silenciamento em relação a estudos que aprofundem essa categoria e temática. O que demanda maior atenção a problematizações que evidenciem como a questão de gênero

influencia em outras categorias que permeiam o trabalho e a atividade docente no campo da formação de professores, da educação e nas especificidades dos estudos sobre inserção a carreira e construção da profissionalidade docente.

Portanto, reafirmamos a intenção de trazer para o debate do campo da formação de professores e dos estudos sobre inserção na carreira, a perspectiva de construção da profissionalidade situada nas relações estabelecidas entre capital e trabalho, nos processos de inserção mediados por diferentes elementos e particularidades para análise e na discussão necessária a respeito da afirmação ou esvaziamento do que é ser professor, na luta pela valorização da escola pública, o acolhimento aos professores e professoras iniciantes compreendendo o gênero como importante categoria mediadora e constituidora de diferentes processos que reverberam nas atividades sociais vivenciadas dentro da escola e fora dela.

5 REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J. de; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos [online]**. Brasília, vol.94, n.236, p. 299-322, jan/abr. 2013 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S217666812013000100015&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 15 abril de 2020.

CURADO SILVA, K. A. P. C. As dificuldades e descobertas do trabalho docente no cotidiano da escola. **Trabalho Encomendado I GT08 – 38 reunião nacional da ANPED**. São Luís, out. 2017. Disponível em: <http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalhoencom_38anped_2017_gt08_i_textokatiacurado.pdf> Acesso: 10 de fevereiro 2020.

CRUZ, S. P. da S. **Professor Polivalente: Profissionalidade docente em análise**. 1ª edição, Curitiba: Appris editora, 2017.

GARCIA, C. M. **Formação e professores: para uma mudança educativa**. 1º edição. Porto: Porto, 1999. 272p.

GARCIA, C. M. O professor iniciante, a prática pedagógica e o sentido da experiência. **Formação Docente - Revista Brasileira de Pesquisa sobre formação docente**. Belo Horizonte, vol. 2, n. 3, p. 11-49, dez. 2010. Disponível em: <<https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbfp/article/view/17>> Acesso em: 10 Abril 2020.

GUARNIERI, M. R. (Org.). **Aprendendo a ensinar: o caminho nada suave da docência**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados; Araraquara, SP: Programa de Pós-

graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2005. – (Coleção polêmicas do nosso tempo).

HUBERMAN, M. O Ciclo de Vida Profissional dos Professores. In: NÓVOA, António (Org.). **Vida de Professores**. Porto: Porto Editora, 2000, p. 31-62.

MARIANO, A. L. S. **O início da docência e o espetáculo da vida na escola**: abrem-se as cortinas. In: LIMA, E. F. (Org.). *Sobrevivências no início da docência*. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

MINAYO, M. C. de S.. **Laços perigosos entre machismo e violência**. *Ciência Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro , vol.10, no.1, p 23-25, jan/mar. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000100005> Acesso: 10/04/2020

OLIVEIRA, L. M. E. de. **A construção da profissionalidade no processo de inserção profissional na educação infantil**. 2017. 278 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

TARDIF, M. O trabalho docente, a pedagogia e o ensino. Interações humanas, tecnologias e dilemas. In: TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.